

Resenha

Pensar com Krenak

Thinking with Krenak

Anselmo Peres Alós¹ 

¹Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil

O amanhã não está à venda é a terceira obra de Ailton Krenak lançada pela Companhia das Letras, consolidando-o como uma das vozes mais importantes da crítica contemporânea à modernidade ocidental. Compilado a partir de entrevistas e reflexões concedidas durante a pandemia de COVID-19, o livro reflete a urgência de repensar o projeto civilizatório hegemônico, propondo alternativas baseadas em saberes ancestrais, no respeito à vida e na defesa radical da diversidade.

Desde as primeiras páginas, Krenak ataca a noção de progresso como narrativa redentora. Segundo ele, a crença no desenvolvimento contínuo e na evolução linear da humanidade serviu historicamente para legitimar o colonialismo, a exploração e a destruição ambiental. Para o autor, a pandemia de COVID-19 evidenciou a falência desse mito. A crise sanitária desestabilizou a fé cega no avanço tecnológico e econômico, demonstrando a vulnerabilidade da sociedade moderna. Em vez de apostar em uma retomada dos antigos padrões de produção e consumo, Krenak propõe uma ruptura com essa lógica destrutiva:

Vivemos hoje esta experiência de isolamento social, como está sendo definido o confinamento, em que todas as pessoas têm de se recolher. Se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados da ruptura ou da extinção do sentido da nossa vida, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda. Assistimos a uma

tragédia de gente morrendo em diferentes lugares do planeta, a ponto de na Itália os corpos serem transportados para a incineração em caminhões (Krenak, 2020, p. 4).

O título do livro encapsula uma das ideias centrais de Krenak: o futuro não deve ser tratado como mercadoria. Em sua crítica, o autor denuncia o modo como o capitalismo global tenta capturar o amanhã, planejando e vendendo promessas de segurança, prosperidade e felicidade. Essa lógica impede o surgimento de alternativas genuínas, aprisionando o imaginário coletivo em uma repetição de modelos insustentáveis. Contra essa captura, Krenak propõe a defesa do futuro como espaço de incerteza criativa e liberdade.

Assim como em **A vida não é útil**, Krenak rejeita o desejo de “voltar ao normal” após a pandemia. Para ele, a normalidade pregressa era, na verdade, uma normalização da violência, da desigualdade e da destruição ambiental. Krenak adverte que o desejo de restaurar o normal reflete a incapacidade de imaginar outros mundos. É preciso, segundo ele, romper com essa compulsão de restabelecer o que já estava falido, e abrir-se à possibilidade de novas formas de convivência e organização social.

A pandemia é interpretada por Krenak como um sintoma da crise civilizatória mais ampla. Ele afirma que o vírus apenas explicitou aquilo que já estava doente. Longe de ser um evento isolado, a emergência sanitária é vista como expressão de um colapso sistêmico. A suspensão da normalidade oferece a chance de questionar valores, hábitos e estruturas que antes eram dados como naturais. A separação moderna entre humanidade e natureza é um dos alvos constantes da crítica de Krenak. Ele reafirma que a Terra é um ser vivo e que nós, humanos, somos apenas uma de suas manifestações. A civilização moderna, ao objetificar a natureza, instaurou uma relação de expropriação e de destruição que ameaça todas as formas de vida. Krenak propõe o resgate de uma ética da interdependência, baseada no respeito, no cuidado e na gratidão:

A nossa mãe, a Terra, nos dá de graça o oxigênio, nos põe para dormir, nos desperta de manhã com o sol, deixa os pássaros cantar, as correntezas e as brisas se moverem, cria esse mundo maravilhoso para compartilhar, e o que a gente faz com ele? O que estamos vivendo pode ser a obra de uma mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca pelo menos por um instante. “Filho, silêncio”. A Terra está falando isso para a humanidade. E ela é tão maravilhosa que não dá uma ordem. Ela simplesmente está pedindo: “silêncio”. Esse é também o significado do recolhimento (Krenak, 2020, p. 9).

Outro eixo central do livro é a defesa da diversidade dos modos de ser. Contra a homogeneização cultural imposta pela globalização, Krenak afirma: que existem muitas maneiras de estar no mundo. Ele destaca que os povos indígenas, com suas cosmologias e práticas de vida, oferecem alternativas ao modelo civilizatório dominante. Suas formas de organização social, suas relações com a Terra e suas epistemologias podem inspirar novos caminhos para a humanidade, já que os povos originários têm resistido não apenas com armas, mas com ideias e sonhos. A capacidade de sonhar mundos outros é vista como essencial para a construção de alternativas ao capitalismo global. Krenak propõe que cultivemos o sonho como prática cotidiana, como exercício de liberdade e como fonte de resistência.

A educação, segundo Krenak, precisa ser repensada radicalmente. Em vez de adestrar indivíduos para o mercado de trabalho, a educação deveria estimular a sensibilidade, o cuidado e a criatividade. O autor critica os currículos centrados na técnica e no desempenho, propondo uma aprendizagem que valorize a experiência, a arte, o saber ancestral e a convivência. Educar para a vida e não para a produção é o lema que sintetiza sua proposta.

Apesar do diagnóstico severo sobre a crise civilizatória, **O amanhã não está à venda** é uma obra impregnada de esperança. Não uma esperança ingênua, mas uma esperança ativa, que exige trabalho, resistência e invenção. Krenak insinua que precisamos plantar sementes de futuro, mesmo que não vejamos suas flores. A construção de outros mundos começa hoje, nos pequenos gestos, nas escolhas

cotidianas e na coragem de sonhar. Sua denúncia da mercantilização do futuro, sua recusa da normalidade violenta, sua defesa da interdependência e sua aposta na imaginação como ferramenta política compõem um manifesto por mundos outros — mundos em que a vida possa florescer livremente:

Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu de nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro. Depois disso tudo, as pessoas não vão querer disputar de novo o seu oxigênio com dezenas de colegas em um espaço pequeno de trabalho. As mudanças já estão em gestação. Não faz sentido que, para trabalhar, uma mulher tenha de deixar os seus filhos com outra pessoa. Não podemos voltar àquele ritmo, ligar todos os carros, todas as máquinas ao mesmo tempo (Krenak, 2020, p. 11).

Ler Krenak é ser desafiado a sair da zona de conforto, a questionar valores naturalizados e a abrir-se à possibilidade de futuros plurais. É, também, ser convidado a uma atitude de cuidado, responsabilidade e criatividade diante do presente. Assim, **O amanhã não está à venda** insere-se na tradição das grandes críticas à modernidade ocidental, dialogando com pensadores como Boaventura de Sousa Santos, Viveiros de Castro e Davi Kopenawa, e oferecendo uma voz única, enraizada na experiência indígena brasileira e atenta às urgências do nosso tempo. Devemos resistir, sonhar, cuidar e criar. Porque, como ele nos lembra, o amanhã pertence a quem tiver coragem de reinventar a vida.

Em **Futuro ancestral**, Ailton Krenak propõe um deslocamento radical da visão de futuro ocidentalizada, que privilegia progresso, consumo e desenvolvimento linear, para uma concepção baseada na ancestralidade, na coletividade e na harmonia com a Terra. O livro está estruturado como uma coletânea de reflexões, narrativas e ensaios breves, em que a oralidade — característica fundamental do pensamento indígena — é evidente. Krenak dialoga com a experiência pessoal, a memória coletiva e os grandes temas universais como a morte, o tempo, o pertencimento e o cuidado com o planeta:

A experiência da pandemia de covid-19 foi arrasadora. Em uma oportunidade que tive de tecer comentários sobre essa travessia, alguém me perguntou: “Ailton, a covid nos ensinou alguma coisa?”, e eu respondi: “Por que que você acha que ela deveria nos ensinar algo? A pandemia não vem para ensinar nada, mas para devastar as nossas vidas. Se você está achando que alguém que vem para te matar vai te ensinar algo, só se for a correr ou a se esconder”. Os brancos que me perdoem, mas eu não sei de onde vem essa mentalidade de que o sofrimento ensina alguma coisa. Se ensinasse, os povos da diáspora, que passaram pela tragédia inenarrável da escravidão, estariam sendo premiados no século XXI. Eu não tenho nenhuma simpatia por essa ideia, não quero aprender nada às custas de sofrimento (Krenak, 2021, p. 28).

Krenak aponta para uma inversão de paradigmas: ao invés de olharmos para a frente como se o futuro fosse algo inédito e desvinculado do passado, ele propõe um futuro enraizado na ancestralidade. Segundo ele, o futuro não é algo que está por vir, mas algo que carregamos conosco, que se enraíza em quem somos. Essa concepção rompe com a noção ocidental de progresso linear e sugere que as soluções para as crises contemporâneas não se encontram em inovações tecnológicas ou em novos arranjos políticos, mas na reconexão com saberes antigos. Para Krenak, a ancestralidade nos dá chão, memória e orientação para seguir vivendo:

Quando eu falo em adiar o fim do mundo, não é a este mundo em colapso que estou me referindo. Esse tem um esquema tão violento que eu queria mais é que ele desaparecesse à meia-noite de hoje e que amanhã a gente acordasse em um novo. No entanto, efetivamente, estamos atuando no sentido de uma transfiguração, desejando aquilo que o Nêgo Bispo chama de *confluências*, e não essa exorbitante euforia da monocultura, que reúne os birutas que celebram a necropolítica sobre a vida plural dos povos deste planeta. Ao contrário do que estão fazendo, *confluências* evoca um contexto de mundos diversos que podem se afetar. É um termo talhado de maneira artesanal e local, por um homem quilombola, um brilhante pensador marginal neste universo colonial, um crítico sempre tranquilo e bem-humorado das tendências políticas (Krenak, 2021, p. 24).

A proposta é revolucionária, pois desafia o mito do novo como valor supremo e reafirma a importância dos vínculos intergeracionais, tanto humanos quanto com outras formas de vida. Em diversas passagens, Krenak denuncia a falência do projeto de civilização ocidental, marcado pela separação entre humanidade e natureza, pela exploração desenfreada dos recursos naturais e pela homogeneização cultural.

Krenak propõe a rejeição da “normalidade” anterior às crises, entendida como um estado de alienação em relação ao planeta e aos outros seres vivos. Um dos conceitos mais instigantes desenvolvidos por Krenak em **Futuro ancestral** é o do sonho como tecnologia de existência. Ele sugere que sonhar não é mero escapismo, mas um modo de criar realidades alternativas e resistir à imposição da racionalidade instrumental. Para Ailton Krenak, sonhar é uma maneira de *ensaiar* outros mundos. Esta frase resume a proposta de resgatar o valor político e existencial dos sonhos. Para ele, o colonialismo europeu e sua imposição aos imaginários autóctones no Novo Mundo afetou também a capacidade de sonhar dos povos, impondo narrativas únicas sobre o que é viver bem:

Como considerar uma história de pátria no meio deste cemitério continental? Temos que nos insurgir, e as confluências podem nos ajudar nisso. Se o colonialismo nos causou um dano quase irreparável foi o de afirmar que somos todos iguais. Agora a gente vai ter que desmentir isso e evocar os mundos das cartografias afetivas, nas quais o rio pode escapar ao dano, a vida, à bala perdida, e a liberdade não seja só uma condição de aceitação do sujeito, mas uma experiência tão radical que nos leve além da ideia da finitude. Não vamos deixar de morrer ou qualquer coisa do gênero, vamos, antes, nos transfigurar, afinal a metamorfose é o nosso ambiente, assim como das folhas, das ramas e de tudo que existe (Krenak 2021, p. 25).

A partir dessa visão, a imaginação, os mitos, os rituais e os sonhos tornam-se práticas de liberdade e resistência. Krenak propõe um profundo deslocamento ontológico: a Terra não é um objeto a ser explorado, mas um ser vivo, um sujeito com direitos. Esta perspectiva, comum entre diversos povos indígenas, desafia a visão

antropocêntrica que domina o pensamento moderno: com esta declaração, o autor reafirma a interdependência radical entre todas as formas de vida. Essa visão tem implicações práticas e políticas profundas: respeitar a Terra implica reorganizar as estruturas sociais, econômicas e jurídicas para colocar a vida — e não o lucro — no centro das prioridades humanas.

Outra contribuição fundamental de **Futuro ancestral** é a crítica à temporalidade ocidental, baseada na aceleração, na produtividade e na obsolescência. Krenak propõe uma temporalidade diversa, mais lenta, cíclica e sensível aos ritmos da natureza. Essa percepção exige uma mudança de atitude diante da vida: em vez de correremos atrás do tempo, devemos nos deixar habitar por ele. Essa crítica ao tempo capitalista identifica a aceleração como fonte de patologias sociais contemporâneas. No entanto, Krenak traz uma dimensão ontológica e cosmológica a esse debate, enraizando sua proposta na sabedoria indígena.

Krenak dedica parte significativa do livro **Futuro ancestral** para refletir sobre a resistência histórica dos povos indígenas à colonização e à violência sistêmica. Ele destaca que essa resistência não é apenas política, mas também ontológica. Essa afirmação revela a potência insurgente das culturas indígenas, que sobreviveram a séculos de extermínio e seguem oferecendo alternativas de vida mais sustentáveis e plurais.

No campo da educação, Krenak defende a necessidade de práticas pedagógicas que rompam com a lógica colonial e mercantilista do ensino. Ele propõe uma educação que respeite a diversidade de saberes, valorize a experiência e fortaleça o vínculo com a Terra. Para ele, educar não é domesticar. É libertar a sensibilidade. Essa visão aproxima-se das pedagogias críticas e decoloniais, como a de Paulo Freire, mas incorpora também a perspectiva cosmológica indígena:

Infelizmente, a política educacional no Brasil pensa que a escola é um prédio, e por isso desvaloriza tanto o trabalho dos educadores. Enchem a sala de meninos e trancam a porta: pronto, estão na escola. Esse lugar pode ser,

inclusive, de renúncia da família à educação de suas crianças. Muitas estão a tal ponto privadas de serem orientadas em seu núcleo coletivo familiar, que, em dado momento, não conseguem mais conversar com seus pais. São sequestradas pelo sistema educacional e não há mais linguagem comum entre eles (Krenak, 2021, p. 61).

Por fim, **Futuro ancestral** pode ser lido como um tratado poético-filosófico sobre a arte de viver em tempos de crise. Krenak propõe uma existência menos baseada no ter e mais baseada no ser, menos pautada na produtividade e mais orientada pela experiência estética e espiritual do mundo. Essa afirmação sintetiza a proposta de uma vida mais leve, sensível e enraizada no presente, sem perder de vista o enraizamento ancestral. Ailton Krenak propõe um deslocamento radical: deixar de perseguir um futuro abstrato e voltar a se enraizar nas práticas, nos saberes e nos sonhos que sustentam a vida.

Sua crítica ao modelo civilizatório ocidental não é apenas uma denúncia, mas um convite à criação de mundos outros — mais plurais, sustentáveis e justos. Ao reconectar futuro e ancestralidade, Krenak realiza uma anamnese do presente e aponta caminhos possíveis para a travessia da crise que vivemos. Em um momento histórico marcado pela aceleração, pela devastação ambiental e pela perda de sentido, a voz de Krenak ressoa como um chamado urgente à desaceleração, ao cuidado e à imaginação coletiva.

REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. E-book. 12p.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 68p.

Contribuição de Autoria

1 – Anselmo Peres Alós

Possui Graduação em Letras (2002) e Doutorado em Letras (2007) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É Professor Adjunto IV na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na cidade de Santa Maria/RS.

Universidade Federal de Santa Maria

<https://orcid.org/0000-0003-2062-2096> • anselmoperesalós@gmail.com

Contribuição: Escrita – Primeira Redação, Conceituação, Validação - Análise Formal.

Conflito de Interesses

O autor declarou não haver conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Lit&Aut/UFSM mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A Lit&Aut/UFSM mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora-chefe

Rosani Ketzer Umbach

Como citar este artigo

ALÓS, A. P. Pensar com Krenak. **Literatura e Autoritarismo**, n. 44, e91925, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X91925>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/91925>. Acesso em: xx/xx/xxxx.